

Mercado financeiro acha que pacote é inevitável

12 JUL 1993

Com - Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

Bonança Mouteira

Dez entre dez executivos do mercado financeiro acreditam que o ministro Fernando Henrique terá que lançar mão de alguma medida extra para combater a inflação. Nove entre dez deles apostam numa das versões de dolarização da economia acompanhada (ou não) de prefixação de preços e salários. As dúvidas e especulações passaram a ser, ao longo da semana passada, sobre quando o Governo anunciará o complemento do plano divulgado em maio e não mais se o ministro da Fazenda irá sucumbir à heterodoxia.

São duas as alternativas de âncora cambial à disposição da equipe econômica. O diretor do Banco Graphus, Ricardo Simonsen, explicou que uma das modalidades se refere ao modelo argentino, utilizado pelo ministro Cavallo. É a dolarização total da economia na qual o Governo garante a governabilidade entre o dólar e o cruzeiro. A moeda norte-americana passa a ser corrente no País sendo que a taxa de câmbio é fixada pelo Banco Central (BC).

Outra alternativa é uma versão mais suave, na qual o Governo apenas realiza a prefixação do

câmbio. "O Banco Central informa os preços que paga nas pontas de compra e venda do dólar", explicou Ricardo Simonsen.

Equilíbrio — As duas versões, no entanto, significam que o Governo precisa ter condições de intervir no mercado sempre que as cotações do dólar apresentarem oscilações. "O Banco Central funciona como o ponto de equilíbrio do mercado", ressaltou o diretor do Banco Graphus.

Como o Governo precisa garantir a troca de dólares por cruzeiros, será preciso emitir moeda para efetuar as operações. Simonsen garante que esta é uma das preocupações da equipe do ministro Fernando Henrique.

Com a dolarização — em qualquer dos dois modelos — o Governo será obrigado a colocar mais dinheiro (cruzeiros) no mercado e em contrapartida retirá-lo, para evitar a pressão inflacionária. A saída, é a emissão de títulos públicos. Como numa bola de neve, porém, os títulos colocados no mercado representam dívidas a serem resgatadas.

Reservas — Para efetuar a dolarização, o volume de reservas internacionais no País é suficiente. Estima-se que o volume total das reservas em dólar, ouro e outras moedas fortes tenha esta-

cionado na casa de 20 bilhões de dólares.

No entanto, além de controlar o câmbio o Governo precisa de uma série de requisitos básicos para tentar o sucesso com a dolarização. É um campo em que outras tentativas anteriores fracassaram utilizando congelamento e confisco, apenas para citar duas propostas. O ajuste fiscal é imprescindível. O grau de credibilidade do Governo também é fundamental para que um plano dessa envergadura tenha êxito, segundo alerta o executivo do Banco Graphus.

Simonsen lembra ainda que a Argentina efetuou um forte ajuste nas contas públicas e a privatização foi o principal ponto, especialmente no princípio do processo. O México, que efetuou a versão moderada de dolarização, fez uma faxina no sistema tributário, ajustou os gastos à arrecadação e abriu o mercado ao comércio externo. Os dois países atualmente desfrutam de posições invejáveis. O Chile — a segunda maior taxa de crescimento no mundo, no ano passado — não lançou mão da dolarização, mas enxugou o sistema tributário, cortou gastos e privatizou uma montanha de empresas. É o maior sucesso da América Latina.